

A FIGURA FEMININA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEA: ENTRE A SUBVERSÃO E OS IDEAIS PATRIARCAIS¹

Iasmin da Silva Britto ²
Adriana Maria de Abreu Barbosa ³

RESUMO

A literatura infantil e juvenil, por dar lugar à construção de universos mágicos do faz de conta, permite que crianças e adolescentes sejam inseridos em contextos diversos a partir das vivências das personagens que conhecem. Nessa lógica, a literatura desempenha um papel importante para o pleno desenvolvimento desses indivíduos, uma vez que propicia que eles busquem soluções para os conflitos existentes nas histórias que leem, compreendendo a relação de verossimilhança entre o imaginário e os acontecimentos do mundo real. É através da literatura, portanto, que crianças e adolescentes entendem a realidade social da qual fazem parte e são atravessados por considerações sobre ela, as quais podem contribuir para o reforço ou a subversão de ideais de sociedade tradicionais. Com isso, ao refletir sobre a literatura infantil e juvenil enquanto espaço primordial para o estabelecimento de consciência crítica nos indivíduos e para o desenvolvimento de uma educação emancipatória, com bases feministas, como ponderou Bell Hooks (2021), bem como a partir da discussão acerca da grande responsabilidade que o livro tem na formação da visão de mundo das crianças e dos jovens, segundo Nelly Novaes Coelho (2012), este trabalho busca analisar, à luz da Crítica Feminista, de que maneira as produções Cinderela Pop (2015) e Princesa Adormecida (2014) revisita os tradicionais contos de fadas infantis e questiona (ou reforça) estereótipos de gênero, valores e ideais perpetuados pela tradição patriarcal, uma vez que a literatura, além de aguçar o imaginário da criança e do adolescente, também atua como agente do processo de iniciação dos indivíduos em determinados valores e na perpetuação ou subversão de padrões comportamentais e de gênero que são ilustrados, sobretudo, pela construção das personagens.

Palavras-chave: Crítica Feminista, Literatura Infanto-juvenil, Revisionismos.

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas tradicionais fizeram e fazem parte da infância e da adolescência de muitos indivíduos em todo o mundo, tendo em vista que tais narrativas foram canonizadas pela tradição e, em todas as regiões, remodeladas para que servissem como instrumentos de educação e de disciplina das crianças. Uma vez que são histórias com cenários mágicos e cativantes, as crianças e os adolescentes se deslumbram com as inúmeras possibilidades desse

¹ Trabalho resultado preliminar de projeto de pesquisa de mestrado financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, iasminbrittoprof@gmail.com;

³ Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, professora titular da Cadeira de Teoria da Literatura no Departamento de Ciências Humanas e Letras (DCHL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, amabarbosa@uesb.edu.br.

universo fantástico o que permite que essas produções sejam facilmente enraizadas no imaginário dos indivíduos e perpetuadas por muitas gerações, fato que evidencia, ainda mais, a importância da literatura e o alcance da tradição literária. No entanto, além do caráter de entretenimento para crianças e adolescentes, essas obras infanto-juvenis carregam em seus enredos características que visam a padronização, institucionalização e divulgação de valores e ideais sociais, objetivos fundamentais dos contos de fadas tradicionais desde o seu surgimento na tradição oral. Nessa lógica, por terem sido histórias canonizadas na literatura a partir da escrita de homens em diferentes épocas e locais, importa que pensemos acerca desses enredos e de como eles funcionam, na sociedade, como veículos de transmissão de valores e atitudes sociais de bases patriarcais. **Em outras palavras, como a literatura infantil e juvenil pode ser mais uma tecnologia de gênero, segundo Teresa de Lauretis (1994).**

Dentre os métodos de transmissão de valores e atitudes sociais de bases patriarcais disseminados e perpetuados pelos contos de fadas tradicionais, além da construção das figuras femininas a partir de personagens com características que repetem estereótipos de gêneros, temos também o silenciamento das mulheres autoras das histórias que hoje conhecemos como contos de fadas clássicos. Maria Cristina Martins (2015), em seu estudo sobre revisionismo contemporâneo dos contos de fadas, evidencia que muito antes de autores homens, como os Irmãos Grimm, serem canonizados na tradição literária como escritores de contos de fadas, as mulheres já produziam esse tipo de histórias, que era passado de geração por geração. No entanto, embora este fato seja reconhecido por historiadores, como bem aponta Martins (2015), essas mulheres não foram reconhecidas e os contos tradicionais mundialmente conhecidos só o são porque foram revistos e reescritos por homens.

Nesse sentido, foi a partir da compreensão da importância da produção literária e dos contos de fadas para a construção de uma sociedade mais igualitária e feminista que surgiu o projeto de pesquisa de mestrado que originou este trabalho. Este artigo, portanto, tem como objetivo principal evidenciar a relação entre a literatura e a sua importância para a construção de uma educação feminista que visa subverter os estereótipos de gêneros cristalizados pelas histórias tradicionais, escritas por homens. Além disso, objetivamos expor as considerações preliminares da pesquisa de mestrado que está em andamento, a qual analisa os contos de fadas tradicionais a partir da Crítica Feminista, evidenciando os aspectos sexistas relacionados às personagens femininas e os estereótipos de gêneros presentes nas obras tradicionais, assim como de que maneira os novos contos de fadas contemporâneos, versões dos contos tradicionais, constroem as personagens femininas.

Como *corpus* de pesquisa, as histórias contemporâneas analisadas são *Cinderela Pop* (2015) e *Princesa Adormecida* (2014) da autora brasileira Paula Pimenta. A escolha deste *corpus* ocorreu dado o seu amplo consumo pelos públicos infantil e juvenil, tendo em vista que essas narrativas são consideradas *best sellers* brasileiros, bem como porque possuem enredos que revisitam os contos de fadas tradicionais *Cinderela* e *A Bela Adormecida*. Na primeira narrativa, *Cinderela Pop* (2015), Paula Pimenta apresenta a história de Cintia, a Cinderela Pop, que tem a sua vida virada pelo avesso após a separação de seus pais, consequência da traição de seu pai. Com tudo de ruim que está acontecendo em sua vida, incluindo as atrocidades que a nova madrasta faz com ela, a única coisa que pode trazer paz e alegria é o amor de um príncipe encantado. Já em *Princesa Adormecida* (2014), Pimenta revisita o enredo tradicional de *A Bela Adormecida* para nos contar a história de Áurea Bellora, uma adolescente que tem linhagem real e cai em um sono profundo após uma mulher, Marie Malleville, que era apaixonada por seu pai, persegui-la por vários anos porque não teve o seu amor correspondido.

METODOLOGIA

Para a elaboração deste estudo, optamos pela utilização de revisão bibliográfica. Para tanto, apossamo-nos do que postulou a crítica feminista acerca dos revisionismos feministas (MARTINS, 2015); gênero como categoria de análise (SCOTT, 1995); e tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994). Ademais, consideramos também as produções teóricas sobre a importância da literatura, especificamente a literatura infantil e juvenil (COELHO, 2000) para o estabelecimento de uma educação que rompa com estereótipos patriarcais e possibilite a construção tanto de uma educação feminista, quanto de indivíduos emancipados e questionadores.

Este viés metodológico permite-nos compreender de que maneira a literatura infantil e juvenil interfere na compreensão de mundo das crianças e dos adolescentes e como ela se relaciona com a crítica feminista e com os estudos de gênero. Realizando tais relações, podemos refletir sobre como as produções literárias, sobretudo as que são releituras ou revisões dos contos de fadas tradicionais cristalizados no imaginário social, agem para perpetuar ou subverter estereótipos de gêneros. E, se perpetuam ou subvertem estes estereótipos, que tipo de consequências geram nos indivíduos que leem essas produções e, consequentemente, na sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO

As discussões sobre a influência de determinadas produções artísticas no estabelecimento de conceitos sociais e da sociedade como um todo sempre foram pauta da crítica da cultura. Pensar criticamente sobre o mundo requer que visualizemos de quais maneiras as realidades que conhecemos foram construídas e normalizadas como o padrão que deve ser seguido, o pontapé inicial para a instituição de conceitos, noções e posicionamentos enraizados socialmente, bem como que percebamos como os discursos interferem no que pensamos e acreditamos como verdades. No âmbito literário, isso não é diferente. Conceber a literatura como um constructo que permite que seres sociais sejam atravessados por valores específicos permite-nos compreender que a importância da função literária está para além do simples entretenimento daqueles que consomem literatura.

Neste sentido, se a produção literária influencia quem somos, o que pensamos e como agimos, cabe que nos atentemos aos discursos que tem sido disseminados naquilo que lemos e reverberados na composição de nossas verdades, ainda que de forma inconsciente. Por essa lógica, importa também que saibamos que tipo de discursos estão sendo repassadas nas produções literárias destinadas aos públicos infantil e juvenil, considerando que a criança também é um sujeito social que é influenciado pelas situações que vivencia e, logicamente, pelo o que consome.

Ao discutir essa influência, Nelly Novais Coelho (2000) reforça que a literatura tem bastante força na formação da consciência de mundo das crianças e dos adolescentes (COELHO, 2000, p. 15). Nessa lógica, é crucial que a literatura destinada a esses públicos seja uma produção responsável, com uma visão de mundo preocupada em formar indivíduos que sejam críticos e que tenham em si a compreensão de que algumas noções sobre o homem e a mulher podem ser posicionamentos nocivos à construção de uma sociedade justa e igualitária. É preciso, portanto, que as crianças e os adolescentes consumam e pensem uma literatura destinada a eles que seja engajada, com críticas sociais e que propicie reflexões sobre o mundo.

Assim, considerando que os contos de fadas tradicionais são histórias infantis muito conhecidas, amplamente difundidas em todo o mundo, a partir de diferentes versões, e enraizadas no imaginário social, cumpre que esses enredos sejam também construídos com responsabilidade, visando a desconstrução de padrões estéticos e de gênero que estão presentes na sociedade por conta da visão de mundo androcêntrica e patriarcal que foi estabelecida como um padrão a ser seguido por todos, com o objetivo de manter vigentes as estruturas sociais impostas.

Estudos acerca dos contos de fadas evidenciam que estas narrativas surgiram da tradição oral, sendo repassadas de geração em geração por meio da contação de histórias, que eram, em sua maioria, realizadas por mulheres. Conforme Martins (2006), esses contos tradicionais, ainda que sejam visualizados por muitas pessoas como “repositário de sabedoria feminina”, trazem em seu bojo considerações sexistas, porque disseminam “falsas noções de papéis sexuais” (MARTINS, 2006, p. 157).

Por este motivo, a crítica feminista tem se interessado por pesquisas que tenham como *corpus* de estudos os contos de fadas, considerando que, se essas narrativas constroem estereótipos sexuais e de gênero, devemos ponderar acerca dos efeitos e das consequências que a perpetuação dessas noções patriarcais causam na sociedade e nos indivíduos, sobretudo nas meninas. Por este viés, as feministas buscam reler os contos de fadas, transformando as narrativas tradicionais em enredos que rompam com os estereótipos de gênero.

A respeito de como se estrutura a escrita revisionista, Martins (2006) esclarece que

No caso específico do revisionismo dos contos de fadas, as escritoras evocam personagens ou histórias tradicionais, garantindo a inscrição de novos significados para os textos originais, possibilitando outras leituras não somente dos contos de fadas em questão, mas também da própria cultura que os gerou e consolidou (MARTINS, 2006, p. 160)

Como exemplos de noção conservadora de gênero nessas histórias tradicionais, temos a construção da princesa como um ser indefeso, passivo e incompleto, já que precisa de um príncipe para ser feliz para sempre; a vilania como característica predominantemente feminina, ilustrada, sobretudo, pela figura da bruxa; a madrasta como sendo sempre má, reforçando a ideia de impossibilidade de relação afetuosa com a enteada; além, claro, da rivalidade feminina e do amor romântico salvacionista, para citar apenas alguns.

Para Martins (2006), o processo revisionista do qual fala a crítica feminista “envolve a manipulação de convenções literárias de forma que as histórias possam ser reavaliadas a partir de uma perspectiva até então inusitada” (MARTINS, 2006, p. 158), isto é, sob as lentes criativas e críticas das mulheres, pensando na construção e na educação de meninas que serão atravessadas pelas histórias que leem e, portanto, terão em sua personalidade a influência dessas produções.

O processo revisionista, portanto, possibilita muito mais que alterações nos enredos das histórias tradicionais, pois tem funcionado como um recurso para que seja possível realizar “um teste ideológico dirigido às interpretações convencionais cristalizadas pela tradição” (MARTINS, 2006, p. 161), isto é, para uma história realmente se encaixar como uma produção

reversionista, com bases feministas, ela precisa quebrar com algum conceito cristalizado nas narrativas tradicionais, conforme a autora nos explica:

quando as revisões dos contos de fadas tradicionais buscam minar o contexto discursivo dessas narrativas, provocando importantes rupturas, de modo que as mulheres ganhem voz em contextos nos quais, até então, encontravam-se emudecidas, criam-se condições favoráveis para o surgimento de uma outra história, capaz não somente de contar o que foi previamente apagado, mas também de levar-nos à percepção de que as histórias não precisam continuar sendo como sempre foram (MARTINS, 2006, p. 161).

Sobre a influência que os contos de fadas tradicionais têm na construção dos indivíduos e da sociedade, podemos explicá-la com a teoria de Teresa de Lauretis (1994) acerca das tecnologias de gênero. Para a autora, o “gênero” é o conjunto de efeitos produzidos a partir das convenções e das relações sociais. Nesse sentido, a literatura age como uma tecnologia de gênero porque, por meio dela, discursos diversos são estabelecidos como padrões que devem ser seguidos, ou seja, o gênero é construído socialmente e, sendo a produção literária um meio de divulgação de discursos, os contos de fadas tradicionais, portanto, estabelecem um sistema de gênero específico que, conforme evidencia a crítica feminista, é um sistema patriarcal.

Neste mesmo sentido, Joan Scott (1995) reforça a necessária importância dos estudos relacionados ao gênero, afirmando ser esta uma categoria útil de análise, pois permite que compreendamos como os papéis sexuais se articulam para manter a ordem social vigente ou para reestruturá-la. É exatamente a partir da junção e da articulação dessas teorias críticas feministas que esta pesquisa tem sido construída com o objetivo de colocar no palco das discussões acadêmicas a literatura produzida para crianças e adolescentes a partir de uma perspectiva crítica e questionadora de imposições sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já apresentado, este artigo é fruto de projeto de pesquisa de mestrado que está em andamento. Sendo assim, os resultados encontrados até o momento são discussões preliminares acerca das obras analisadas, tendo em vista o referencial teórico apresentado e as relações que podemos estabelecer entre os enredos das histórias e o que sugere a crítica feminista acerca dos contos de fadas tradicionais, dos estudos de gênero e dos revisionismos feministas de histórias contemporâneas.

Nas obras utilizadas para a análise, Cinderela Pop (2015) e Princesa Adormecida (2014), a autora Paula Pimenta nos apresenta um enredo moderno, ambientado em território contemporâneo, com todos os avanços tecnológicos dos quais dispomos hoje. Em ambas as

obras, fica nítida a intenção da autora em reler os contos de fadas tradicionais *Cinderela* e *A Bela Adormecida*. Essa referência às histórias canonizadas é visível desde o título das obras.

A respeito dessas narrativas, esperamos encontrar nos enredos indícios de revisionismo feminista, isto é, enredos que possuam uma quebra das noções patriarcais enraizadas nas histórias tradicionais, uma outra visão a respeito dos estereótipos de gênero instituídos pela visão patriarcal, assim como Martins (2006) esclareceu. Para que haja, portanto, revisionismo feminista nas narrativas de Pimenta, as obras precisam ter seu foco deslocado do que é tradicional em *Cinderela* e *A Bela Adormecida*, ou seja, devem estabelecer a ruptura das visões patriarcais.

Martins (2006) reforça a necessidade desse tipo de trabalho revisionista

que tem sido seriamente abraçado por inúmeras escritoras da atualidade ao relerem clássicos da literatura infantil, é algo promissor e pode vir a constituir-se um ato político de ruptura, de transgressão e de subversão da ordem patriarcal dominante, estabelecida nos textos tradicionais, com a explícita intenção de permitir novas interpretações, novas leituras, que possam de alguma maneira contestar visões distorcidas ou tendenciosas de gêneros sexuais (MARTINS, 2006, p. 161).

O principal questionamento da pesquisa, portanto, é: será que a literatura infanto-juvenil contemporânea brasileira de autoria feminina, que muito tem vendido atualmente, contempla as características do revisionismo feminista postulado pela crítica feminista, visando o estabelecimento de uma educação feminista e emancipatória, diferente do que propõe as histórias tradicionais?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, pudemos compreender de maneira mais aprofundada e coerente com a relevância das discussões de gênero, o quanto a literatura pode e deve ser pensada para propiciar quebra de padrões sociais que estão cristalizados na sociedade apenas porque a instituição patriarcal decidiu os modelos a serem seguidos. Além disso, a crítica feminista nos coloca em uma seara de discussões muito pertinentes para a desconstrução de estereótipos de gêneros relacionados, sobretudo, às mulheres: se a tradição patriarcal cunhou determinados padrões de gênero que prejudicam as mulheres socialmente e os cristalizou por meio dos contos de fadas tradicionais, amplamente reforçados e disseminados de geração em geração por todo o mundo, devem as mulheres movimentarem-se para reescrever essas histórias sob diferentes lentes e refazer o percurso histórico e conceitual do ser mulher na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 2000.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

MARTINS, Maria Cristina. **(Re) Escrituras: Gênero e o revisionismo dos contos de fadas**. Paco Editorial, 2015.

MARTINS, Maria Cristina. Histórias que nossas Mães não nos Contaram: o revisionismo feminista dos contos de fadas. **Em Tese**, v. 10, p. 157-163, 2006.

PIMENTA, Paula. **Cinderela Pop**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.

PIMENTA, Paula. **Princesa Adormecida**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2014.

SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Soares São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 63-96.